

Mapeamento e cartografia: um estudo sobre a aplicação dessas metodologias na Comunicação

Mapping and cartography: a study on the application of these methodologies in Communication

Tháisa Bueno¹ⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7048-3920>

Marcelli Alves²ⁱⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8014-3946>

Thays Assunção³ⁱⁱⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6826-1096>

Recebido em: 19/11/2023. Aprovado em: 18/12/2023.

Resumo

Este estudo busca entender como pesquisadores têm se apropriado dos modelos metodológicos da Cartografia e Mapeamento no campo da Comunicação. Para isso, este artigo buscou no Catálogo de Teses e Dissertações listadas na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) as pesquisas que indicavam fazer uso de uma das duas metodologias e estavam disponíveis para o público até 2022, sem a data de ponto de partida. Conclusivamente, a pesquisa mostrou, dentre outros, que de forma geral as terminologias mapeamento e cartografia, não são utilizadas como sinônimos e a predominante é a da cartografia.

Palavras-chave: Cartografia; Mapeamento; Estado da Arte.

Abstract

This study seeks to understand how researchers have appropriated the methodological models of Cartography and Mapping in the field of Communication. For this, this article searched the Catalog of Theses and Dissertations listed in the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) for research that indicated the use of one of the two methodologies and was available to the public until 2022, without the end date of departure. Conclusively, the research showed, among others, that in general the terminologies mapping and cartography are not used as synonyms and the predominant one is cartography. This is justified, as cartography is treated by authors with more than one philosophical basis, unlike mapping, which still seeks a more precise definition in the social sciences.

Keywords: Cartography; Mapping; State of art.

¹ Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz/Maranhão – Brasil. E-mail: thaisabu@gmail.com

² Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz/Maranhão -Brasil. E-mail: marcellialvessalva@gmail.com

³ Universidade Federal do Tocantins. Palmas/Tocantins – Brasil. E-mail: thays.jornalista@gmail.com



1 Introdução

No campo da Comunicação Social é crescente o número de pesquisas que utilizam Cartografia e Mapeamento como metodologia de pesquisa. E dentre as áreas que exploram essas perspectivas, a das Geografias da Comunicação é uma das que tem mais se dedicado à temática no Brasil nos últimos anos. Segundo Aguiar (2019b), o grupo Geografias da Comunicação (Intercom/CNPq) nos seus dez anos de existência, apresentou uma presença significativa da “cartografia(s)” e seus derivados e correlatos (cartográfico; mapa; mapeamento) nos trabalhos apresentados pelos pesquisadores. Tal situação pode ser explicada pela própria natureza do campo de estudos, que “[...] abrange lugares, territórios e espaços da comunicação e geram uma ‘cartografia’ das teorias, com objetos e metodologias pertinentes aos dois campos, que assim se constituem em um terceiro campo” (Moreira, 2019, p. 14).

Além desse grupo, Aguiar e Laranjeira (2017) comentam que os termos “cartografia” e “mapeamento” já vêm sendo usados no campo da Comunicação para designar procedimentos de coleta e sistematização de dados que utilizam referências da Geografia apenas como metáfora. Nessa concepção, os pesquisadores utilizam a inspiração da clássica obra *Mil Platôs*, dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, para transpor o conceito geográfico para os campos da filosofia, política e subjetividade (Aguiar; Laranjeira, 2017).

Por esse caminho, os autores que se propõem a trabalhar com as “cartografias” e “mapeamentos” não apresentam compromisso (às vezes nem mesmo a intenção) de produzir representações gráficas dos achados da investigação em dado território, com base em dados fidedignos da sua forma, estrutura e conteúdos (Aguiar; Laranjeira, 2017). Dessa forma, a cartografia acaba por se tornar uma pesquisa de levantamento de informações sobre determinada realidade ou grupo.

Perante essa situação, fica claro que a discussão em torno dos levantamentos que de algum modo se propõem a fazer uso destas metodologias ainda enfrentam alguns entraves de definição e entendimento, isso porque, embora com aproximações, em particular no seu sentido denotativo, mapeamento, cartografia e, mais pontualmente, cartografia social não são métodos idênticos e podem gerar confusão se tomados como sinônimos, particularmente com pesquisadores em fase inicial. Isso justifica-se pela



gênese do termo. Cartografia migra da geografia e traz consigo a ideia de lugar, mapa “contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades”, (Fonseca; Kirst, 2003, p.92).

É sabido que a cartografia mergulhada nas pesquisas científicas navega por saberes que vão na investigação das fórmulas matemáticas proposta por autores como Rocha (2004), em estudos triangulares (Bueno; Alves, 2020) às questões afetivas, como a cartografia do afeto (Espinosa, 2010). Dessa forma, percebe-se que o método é livre e se encaixa em um universo a ser cartografado que supera protocolos impostos pela rigidez da pesquisa e não segue uma linearidade, desmistificando aquilo que já vem pronto, engessado.

É fato que a cartografia apresenta um valioso instrumento de investigação. Embora não parta de um modelo pré-estabelecido, permite uma nova liberdade à problematização, a investigação não somente do objeto quanto do processo. Rolnik (1989, p. 6) atribui à cartografia um método que permite, detectar a paisagem, suas mutações e, ao mesmo tempo, “criar vias de passagem através deles”. Dessa forma, é importante entender que os mapas mudam, e o cartógrafo é um pesquisador com o corpo vibrátil (Rolnik, 1989; 2006).

Este artigo delinea um panorama das pesquisas que propõem trabalhar com a perspectiva metodológica de mapeamento e cartografia. Nesse sentido, este estudo inventariou, a partir do Catálogo de Teses e Dissertações listadas na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com as palavras **Mapeamento** e **Cartografia**⁴, trabalhos que utilizavam esses termos no título, resumo e/ou palavras-chave. Os filtros limitaram o tempo da marcação até 2022, quando se iniciou este estudo, sem uma data de ponto de partida, a fim de listar tudo que estivesse no banco, independentemente da época. O recorte selecionou trabalhos vinculados à grande área das “Ciências Sociais Aplicadas”. As demarcações definidas forneceram, depois de refinados os dados, 270 pesquisas (100 referentes a Mapeamento e 170 referentes à Cartografia) que foram posteriormente analisadas e cujos indícios ajudam a entender como essas metodologias têm sido usadas nas pesquisas da área, bem como modos de apropriação de seus conceitos, aproximações e distanciamentos.

⁴ O levantamento de dados deste artigo foi feito pelos membros do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cibercultura (GCiber), na UFMA, e contou com a colaboração das integrantes Jordana Fonseca e Nayane Brito.



Este artigo contribui para uma visão panorâmica do cenário atual das pesquisas sobre cartografia e colabora para uma atualização e complementação de outros estudos sobre o tema ou com análises semelhantes (Rosário *et al.*, 2021; Rosário; Coca, 2018; Mattos; Salgado, 2022; Wottrich; Rosário, 2022).

2 Referencial Teórico

É de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) a releitura da terminologia cartografia para novos meios, transformando em outros conceitos. Para os autores, os mapas possibilitam uma cartografia do próprio movimento. Ou seja, cartografar se aproxima de desenhar. Conforme o dicionário Michaelis (2023, s/p [online]), mapear é “fazer mapa de” e cartografar consiste em “elaborar ou compor mapas geográficos”. Na mesma direção, a geógrafa Doreen Massey (2008, p. 159) comenta que os mapas “dizem respeito ao espaço, são formas de representação” [...]. “Mapeamos as coisas para oferecer uma ordem à realidade, conseguir perceber sua estrutura”. Outras definições mais minuciosas podem ser encontradas nas demais buscas em enciclopédia de palavras, mas, de fato, na linguagem não especializada, cartografar e mapear podem ser ações tomadas como sinônimas e remeter muito intuitivamente ao aspecto espacial e/ou geográfico do mundo.

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (Deleuze; Guattari, 1995, p.22).

No universo da pesquisa, mapear e cartografar são conceitos metodológicos capazes de, a partir da sua perspectiva teórica, representar processos e entendimentos muitos distintos. Ainda que na ciência a compreensão de cada um desses procedimentos e conceitos não parta ou encerre-se no significado denotativo, tal aproximação pode gerar algumas confusões, entre outras coisas porque além de aproximar mapeamento de cartografia, esta última ainda se distingue entre cartografia tradicional, ligada à construção de mapas espaciais geográficos; e a cartografia social, voltada para o ambiente que concerne à sociedade.

Sobre a cartografia social, ela pode ser desdobrada em diversos olhares da teia social: profissionais, ideológicos, pedagógicos, midiáticos, políticos, religiosos, entre



outros. Nesses casos, traçam-se panoramas do cenário geral conforme seu objetivo. Como pontua Acselrad (2008), a cartografia social é uma prática que busca representar a realidade, a identidade e a cultura de indivíduos ou grupos, a partir deles próprios. Quando adotam tal processo investigativo, a etiqueta cartografia pode ser empregada no sentido semelhante ao de mapeamento, ou seja, são sinônimos.

Na Comunicação há reconhecidos levantamentos que aplicam esse transcurso metodológico. É o caso de mapeamentos gerais que buscam dados quantitativos dos jornalistas do país conforme salário, área de atuação, questões políticas e outros (FENAJ, 2012); bem como os que contabilizam o número de profissionais e suas áreas de atuação, como os mapeamentos de Idalgo, Lima e Mick (2011) sobre “Perfil profissional do jornalismo brasileiro: Quantos são os jornalistas brasileiros?”, e do Comunique-se (2019), que olhou para profissionais de grandes redações; além de levantamentos regionalizados com indagações semelhantes. Também é necessário destacar os estudos cartográficos financiados pelo projeto Rumos Itaú Cultural que patrocinou de 2008 a 2012 mapas educacionais voltados para o Ensino Superior em Jornalismo. Nesse período produziram três levantamentos que mapearam esse cenário: no biênio 2007-2008, levantaram-se diferenças e semelhanças no ensino das disciplinas de Jornalismo Cultural nas universidades brasileiras; em 2009-2010 traçou-se o mapa do Ensino do Jornalismo Digital no Brasil; por fim, entre 2011-2012 mapeou os Programas de Treinamento de Jovens Jornalistas.

A cartografia e/ou mapeamento, nesse sentido, integra uma metodologia descritiva, que consiste em apresentar um cenário de grupos, pensamentos, atitudes, comportamentos em determinados recortes. Muitas vezes pode ser uma etapa inicial de um levantamento posterior, neste caso como metodologia exploratória, posteriormente complementada por outras de base analítica ou mesmo descritiva. Ela é, por exemplo, uma etapa bastante usual em estudos triangulares (Bueno; Alves, 2020), e integra propostas metodológicas já sedimentadas como a Metodologia Híbrida do GJol (Grupo de Pesquisa em Jornalismo *On-line*), que prevê na sua sistematização para estudos do ciberespaço a revisão bibliográfica, o **mapeamento**, o estudo de caso e a análise final (Machado; Palacios, 2007). Também é bastante utilizada nos estudos de mídia local e regional, principalmente, associada ao emprego dos mapas para representar e dar visibilidade a realidades distantes dos grandes centros urbanos brasileiros e desconhecidas de boa parte da população (Reis, 2022).



Há casos, também, em que o mapeamento/cartografia pode ser a metodologia-fim. É muito comum seu uso terminológico em pesquisas classificadas com estado da arte ou bibliometria, que consistem em levantar um conjunto da produção acadêmica sobre um assunto específico, em geral em bancos de dados monográficos, de periódicos ou livros técnicos (Azevedo, 2016). O método deste artigo, inclusive.

Por fim, sobre esse modelo metodológico, é necessário destacar que além do conhecimento descritivo, tais panoramas permitem análises densas. Isso porque os mapeamentos, sejam eles sociais ou bibliográficos, podem incluir metodologias complementares além das quantitativas, comuns nas pesquisas organizadas por associações ou grupos. É o caso dos levantamentos que aprofundam em dados qualitativos mais corriqueiros em buscas por particularidades regionais. Pereira (2008), por exemplo, em sua tese de doutorado analisou e buscou conhecer o perfil dos jornalistas-intelectuais brasileiros. Para isso debruçou-se sobre as histórias de vida de dez jornalistas considerados intelectuais nacionais, recorrendo à entrevista e investigação no intuito de compreender de qual forma foi construída sua identidade. Com diz Lévy (2008, p. 153) “o *locus* da produção da cartografia é societal, na medida em que ele concerne, ao mesmo tempo, o conhecimento teórico e a vida cotidiana, a linguagem e a tecnologia, o econômico e o político”.

Por outro lado, dentro da cartografia social, há toda uma discussão e arcabouço teórico filosófico que norteia estudos que discutem subjetividade, afeto e particularidades, não com o intuito de descrever o cenário social, mas aprofundar detalhadamente, em minúcias, pequenos grupos. Esse modelo teórico-metodológico, ancorado particularmente na interseção dos pensamentos de Gilles Deleuze e Felix Guattari em diálogo com a obra de Foucault, já bastante usado na Psicanálise e na Educação, tem conquistado espaço também na Comunicação.

Como escreveu Aguiar (2010a, p. 13) “[...] o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas processualidades”. Nesse sentido, as pesquisas cartográficas ganham um outro olhar, mais analítico e menos descritivo, mais pontual e menos panorâmico. Sobre isso, Deleuze e Parnet (1998) pontuam que é por meio da cartografia que é possível ver a realidade de outra maneira. Ou seja, deixar apenas o qualitativo e poder mergulhar em um universo híbrido. Algo similar, pontua Rolnik (1989), quando diz que a cartografia

permite ao pesquisador inserir-se na pesquisa além de comprometer-se com o objeto a ser pesquisado.

Nas ciências sociais elencamos quatro tipos de mapas, mais conhecidos: Mapa de identificação e reconhecimento; Mapa teórico; Mapa de campo e Mapa de Análise. Eles são assim chamados pelas etapas a serem seguidas na pesquisa. Embora com nomenclaturas distintas, ambos cooperam na informação de que é possível trazer da cartografia um modelo híbrido e sólido para a pesquisa das ciências sociais.

Sobre a relação dos mapas de identificação e reconhecimento Biembengut (2008, p.90) diz que os mesmos não se restringem apenas a levantamento de dados ou um traçado de mapas, mas são “[...] um forte constituinte não somente para reconhecimento ou análise dos dados, mas, especialmente, por proporcionar um vasto domínio sobre o conhecimento existente da área investigada.”

É da mesma fonte a afirmativa de que neste tipo de trabalho é importante identificar “os pontos relevantes ou significativos que nos valham como guia para compreender os segmentos já pesquisados e expressos de forma a nos permitir elaborar um sistema de explicação ou de interpretação” (Biembengut, 2008, p. 93).

Sobre os mapas teóricos a mesma autora explica a importância do mesmo em uma pesquisa científica. De acordo com ela, o mapa teórico faz parte da revisão de literatura disponível dos conceitos e definições sobre o tema ou da questão a ser investigada. Dessa forma, o mapa teórico permite identificar conceitos e definições a respeito do tema e do campo a ser analisado. Para construir um mapa teórico, Biembengut (2008, p. 47) explica passos que o pesquisador deverá executar: “identificação das produções existentes por meio de palavras-chave ou um tema central; classificar e organizar os trabalhos encontrados; reconhecer e/ou analisar concepções teóricas e principais resultados”.

Os mapas de campo, consistem no levantamento das informações, organização e classificação das mesmas

[...] consiste em estabelecer previamente um maior conjunto possível de meios e instrumentos para levantamento, classificação e organização de dados ou informações que sejam pertinentes e suficientes, considerando pontos relevantes ou significativos e que valham como mapa para compreender os entes pesquisados (Biembengut, 2008, p. 101).

A autora explica que dois itens fazem parte desse tipo de mapa: pessoa e documento. Dando continuidade às fases do mapeamento chegamos ao Mapa de Análise, este, de acordo com Biembengut (2008), tem o propósito de compreender um fenômeno, para então buscar meios para poder descrevê-lo. “Que requer percepção e compreensão

da estrutura e dos traços dos entes ou fenômeno da pesquisa, interpretação e avaliação criteriosa e representação - mapa dos resultados. (Biembengut, 2008, p. 75).

3 Metodologia do artigo aqui apresentado

Este estudo enquadra-se no tipo de mapeamento de revisão bibliográfica definido como Estado da Arte, também chamado de mapeamento sistemático de literatura ou, ainda *scoping review* (Moher; Shekelle, 2015). Ao detalhar as particularidades desse modelo metodológico, Azevedo (2016, p.2) o descreve como um levantamento que tem o objetivo de “[...] reunir e sistematizar estudos anteriores”, cujos critérios de seleção da investigação devem ser explicitamente detalhados. Ao falar mais pontualmente do Estado da Arte, Moher e Shekelle (2015) destacam como objetivos apresentar panoramas amplos e gerais sobre determinado assunto. Em comunhão com essas orientações, Kitchenham (2004) e Kitchenham e Charters (2007) enfatizam o caráter sistemático desse padrão investigativo e sinalizam que uma revisão busca por conclusões gerais de um fenômeno, bem como servir de base para outros estudos. Entre as fases previstas estão: planejamento, condução e escrita do relatório. Apropriando-se dessas orientações, neste trabalho a questão de pesquisa é: Como os métodos cartográfico e de mapeamento têm sido utilizados na pesquisa em Comunicação? A partir dela, outras interrogações serviram de base para criar os critérios de coleta e posterior análise. Essas categorias estão expostas no QUADRO 1.

Quadro 1. Critérios e categorias usadas na coleta dos dados

Categoria	Detalhamento do critério	Subcategorias
Ano	Ano da pesquisa	
Nível	Dissertação ou Tese	
Instituição	Pública ou privada	
Tipo de pesquisa	Empírico ou teórico	
Objeto	Recortes da pesquisa identificados no campo	Veículos: Jornais, Sites, Redes Sociais etc. Pessoas: Grupos e Perfis Banco de dados: Capes, Periódicos, Livros. Conceitos Produtos: Fotografias, Músicas, Filmes, Posts, etc. Outros
Foco de investigação	O detalhamento dos processos identificados a partir do objeto	Autor/Conceito Conteúdo/Sentidos

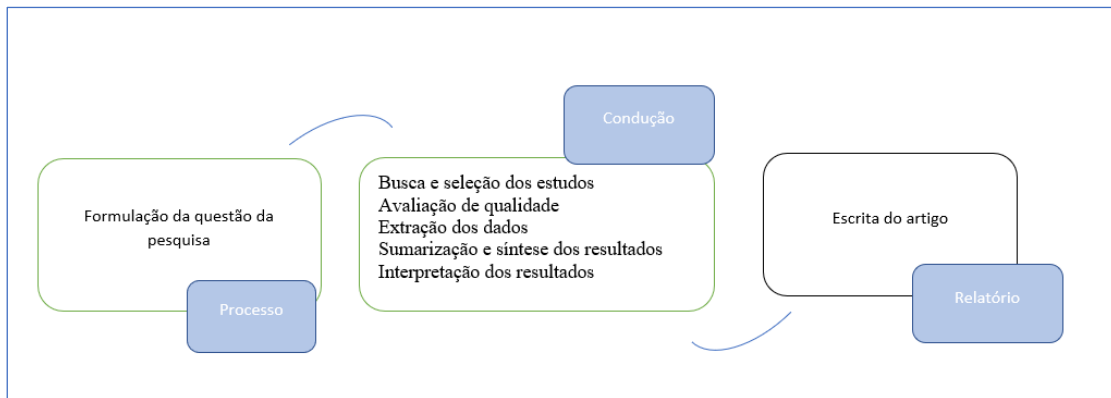


		Estruturas/Lugares Forma/Estética Interações/Reações Perfil Rotina Produtiva Usos/Consumo
--	--	--

Fonte: Elaborado pelas autoras

Além das categorias previstas, o estudo buscou identificar como as pesquisas que assumiam essas metodologias as apresentavam, se usavam com outras ferramentas metodológicas e se as usavam como sinônimos. A Figura 1 demonstra o processo que orientou a investigação.

Figura 1. Fases e atividades do processo de execução da Revisão Sistemática da Literatura

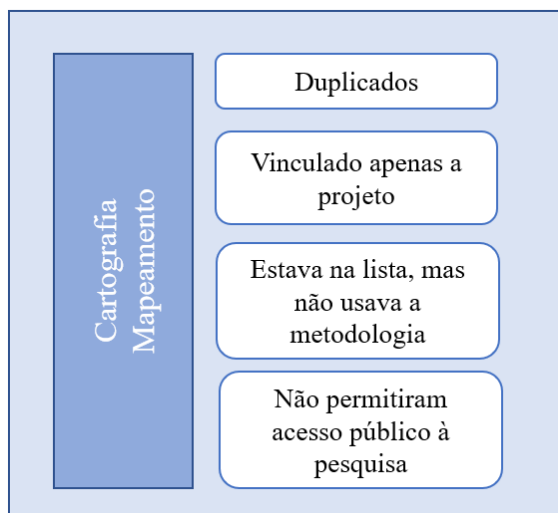


Fonte: Baseado em Kitchenham e Charters (2007)

Assim, para um estudo que busca entender como o método cartográfico e o de mapeamento tem sido utilizado na pesquisa em Comunicação, essa escolha pareceu adequada, primeiramente por dialogar com a própria temática do artigo e seguidamente por atender a proposta de descrever o cenário de modo abrangente. Assim, para dar conta dessa proposta, em 2022 realizou-se um levantamento a partir do Catálogo de Teses e Dissertações listadas na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com as palavras **Mapeamento** e **Cartografia**. Empregou-se como filtros de buscas as seguintes opções: Tipo (Dissertações e Teses); deixamos o espaço de tempo sem marcações, pois queria-se verificar todas as publicações disponíveis, independentemente do ano em que foi publicada; Grande as Ciências Sociais Aplicadas, e na Área do conhecimento optamos pelas duas alternativas de “Comunicação”; na parte de “Área de avaliação” elegeram-se “Ciências Sociais Aplicadas I”, “Ciências Sociais Aplicadas I: Comunicação”, “Comunicação e Informação” e “Comunicação/Ciência Da

Informação”. Depois disso os dados foram sistematizados em tabelas do Excel para verificar os títulos dos estudos, autores, tipos de trabalhos, anos das publicações, instituições de ensino, palavras-chave, objetos de estudo, metodologias e resumos. Além da leitura sistemática de títulos e resumos, a introdução dos trabalhos selecionados e a sua metodologia, no corpo monográfico, também foram investigadas.

Figura 2. Critérios de exclusão e refinamento dos dados brutos



Fonte: Elaborado pelas autoras

Depois desse refinamento de dados, foram gerados gráficos para visualizar os elementos encontrados. Nossas análises concentraram-se em três momentos de checagem: primeiro averiguamos os quantitativos fornecidos em “Tipos de trabalhos” “Anos das publicações” e “Instituições de ensino”; na sequência foram selecionados os trabalhos possíveis de acessar o texto completo, por compreendermos a importância de além da leitura dos resumos também examinarmos as descrições metodológicas das publicações; na última etapa definimos critérios de análises para uma verificação pormenorizada das pesquisas.

A partir desse levantamento inicial, alguns trabalhos foram descartados por não terem mapeamento ou cartografia como metodologia (em geral apareciam por usar a palavra mapear, sem estar vinculada ao método ou estar atrelada exclusivamente a um projeto de pesquisa do orientador cujo título incluía uma das duas metodologias, mesmo que a pesquisa em si não a contemplasse). Além desses trabalhos duplicados, que apareciam nos dois levantamentos, foram excluídos e privilegiados aqueles que definiram no corpo do texto a metodologia específica adotada. Por fim, foram excluídos os trabalhos que não usam a palavra mapeamento ou cartografia nem no título, resumo ou palavras-

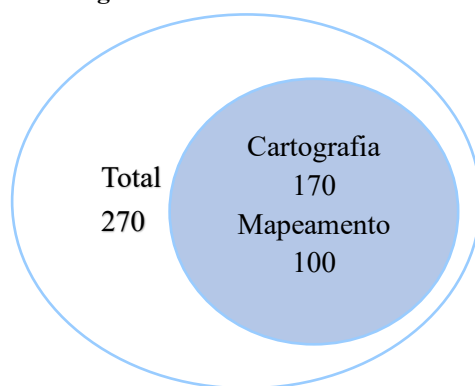
chave e que não permitiam (autorizaram) seu acesso ao público, impedindo as pesquisadoras de avaliar mais detalhadamente as escolhas metodológicas no corpo da dissertação ou tese.

4 Achados da pesquisa

4.1 Total

Inicialmente foram catalogados 441, sendo 191 com a palavra Mapeamento e 249 com a palavra Cartografia. A partir do refinamento dos dados, a partir dos critérios de exclusão (já descritos na etapa intitulada Metodologia deste artigo), o banco de dados final foi composto por 270 pesquisas (100 referentes a Mapeamento e 170 referentes à Cartografia).

Figura. 2 Total de trabalhos refinados



Fonte: Elaborado pelas autoras

Inicialmente já é possível notar que o uso da metodologia cartográfica é mais usual que a intitulada mapeamento. Quase o dobro de trabalhos desenvolvidos no período analisado adotou o método do primeiro modelo, comparado ao segundo, o que demonstra uma certa predileção ou popularidade do processo cartográfico.

4.2. Ano

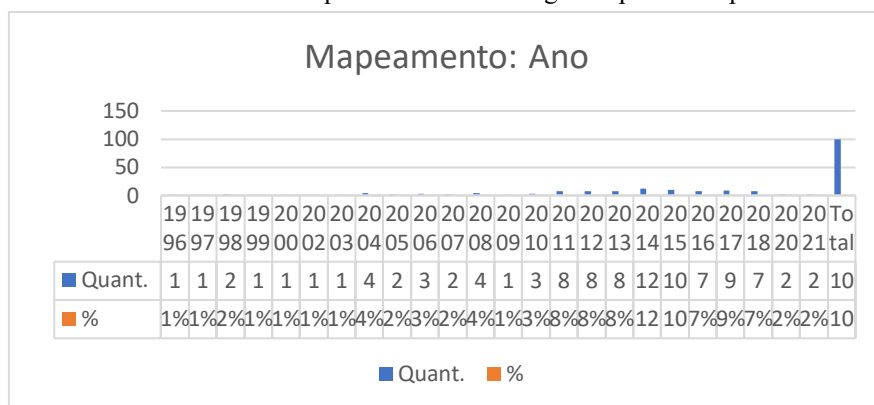
Uma predileção que não chega a ser confirmada quando se pensa na constância de uso. Embora, ao olhar para a totalidade, a Cartografia tenha, substancialmente, mais popularidade entre as pesquisas, no recorte temporal desse levantamento, que ao final contabilizou 26 anos (1996, quando surge o primeiro trabalho tanto usando cartografia quanto mapeamento), em oito anos (1997, 1998, 1999, 2001, 2003, 2006, 2007 e 2010),

Comunicação & Inovação | v. XX | e2023XXXX | jan.-dec. | 2023 | ISSN 2178-0145. <https://doi.org/10.13037/ci.vol24.e2023XXX>



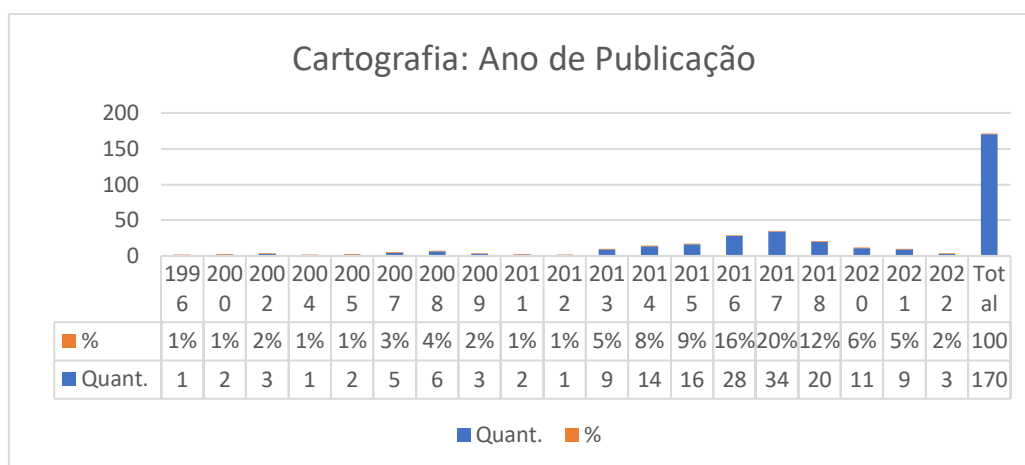
percebe-se que nenhuma pesquisa encontrada adotou a metodologia da cartografia. Em contrapartida, a metodologia do Mapeamento aparece em quase todos os anos, ainda que em menor número, sendo ausente apenas em 2001, 2019 e 2022. O resultado conjunto mostra que ainda que em quantidade a Cartografia seja mais popular, o mapeamento parece ser mais constante e talvez um indicio de modelo mais tradicional.

Gráfico 1. Trabalhos que usam a metodologia Mapeamento por ano



Fonte: Elaborado pelas autoras

Gráfico 2. Trabalhos que usam a metodologia Cartografia por ano



Fonte: Elaborado pelas autoras

Cabe destacar, ainda, que para Mapeamento, até 2010, os trabalhos oscilam de uma a três pesquisas ao ano. Basicamente, a partir de 2011 começa a ampliar seu uso, com publicações que vão de 8 a 12 ao ano. Isso segue até 2018. Esse período de sete anos congrega 69% de toda a publicação com essa metodologia. Em 2019 não teve nenhum registro, seguido de dois achados em 2020 e 2021.

Em 2022 não foram catalogados nenhum. Já cartografia, depois de ter aparecido em 1996 num único estudo, demorou cinco anos para ser citada novamente, em 2000. Depois, até o início até 2005, teve uma média de dois trabalhos produzidos ao ano. Em

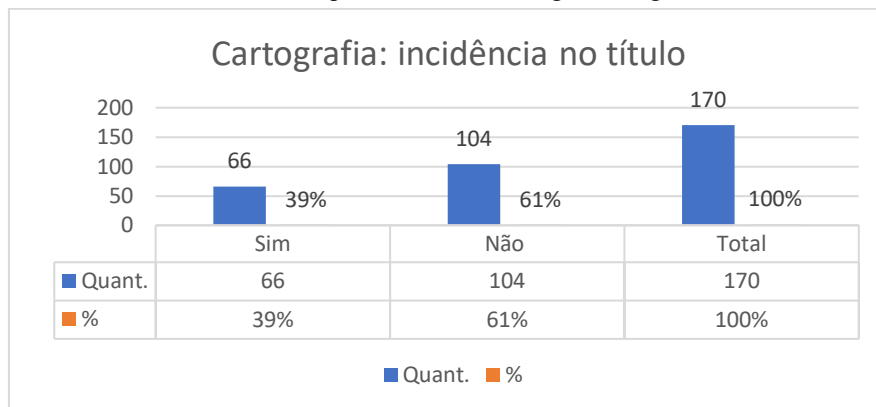


2007 e 2008 chegou a somar 11 no biênio. Mas, a partir de 2013 até 2021 tem sido bastante adotada, com mínimo de 9 e máximo de 34 (2017) em um único ano. O que dá uma média de oito ao ano. Ou seja, atualmente, ambas aparentam estar consolidadas.

4.3. Título

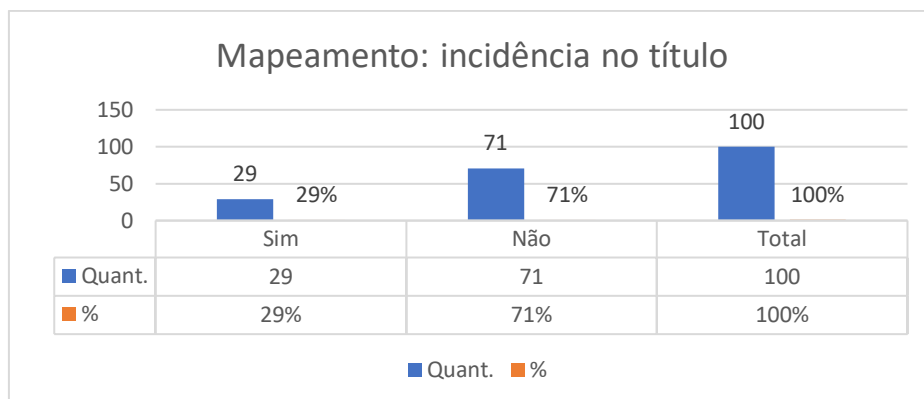
Outro aspecto que pode ser um indício da importância que o método ocupa, para além do número de aplicações, diz respeito ao papel dele na própria pesquisa que faz uso dele. Ou seja, ele é um ponto muito importante na pesquisa a ponto de ocupar o título do trabalho? Ou aspectos como recorte, temática e ou pergunta de pesquisa são mais essenciais? Para descobrir isso buscou-se levantar quantos trabalhos usavam a escolha metodológica no texto do título.

Gráfico 3. Trabalhos que usam a metodologia Cartografia no título



Fonte: Elaborado pelas autoras

Gráfico 4. Trabalhos que usam a metodologia Mapeamento no título



Fonte: Elaborado pelas autoras

Nesse quesito, ambas as metodologias parecem ocupar um destaque mediano, ainda que a Cartografia tenha uma vantagem. Dos trabalhos que usam Cartografia, quase

40% (66) usam o termo no título, já no caso do Mapeamento esse valor é próximo de 30% (29). Desse total, 66 tinham a palavra cartografia ou correlato (cartográfico, cartografando, mapeamento, mapa) no título. Desse conjunto, 3 traziam a palavra mapeamento, o que reforça um uso como sinônimo em alguns casos, ainda que pouco usual quando o trabalho foca no método cartográfico. 25 trabalhos usavam a expressão entre as palavras-chave e 16 tinham a palavra no corpo do resumo. Entre os trabalhos que usam o Mapeamento no título, apenas um adota a palavra cartografia como sinônimo no corpo do resumo. Ou seja, os pesquisadores que usam a Cartografia com método, utilizam, com mais frequência, a palavra mapeamento como um substituto semântico para sua ferramenta. O mesmo não é usual entre as pesquisas que adotam o mapeamento. Esse é um indicativo de que quem faz mapeamento entende a cartografia como um método distinto. Já, quem faz cartografia, em boa parte das vezes, a toma como sinônimo.

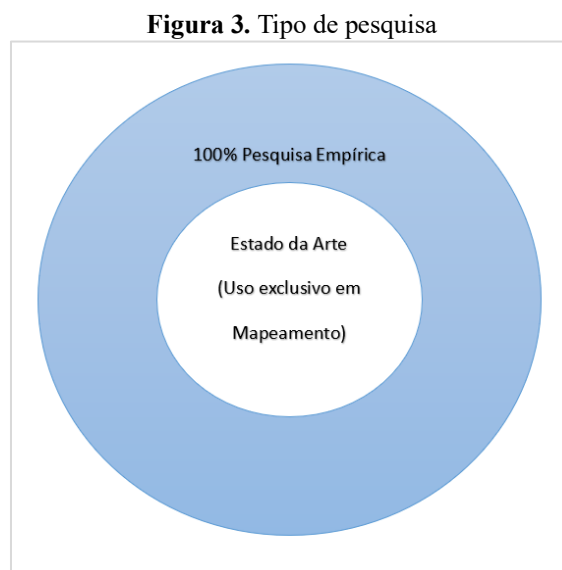
4.4. Universidade e nível da pesquisa

Além do prestígio e incidência do método, buscou-se identificar de onde vinham essas pesquisas. Em Cartografia foram identificadas 37 instituições diferentes; já Mapeamento 26 instituições. O panorama mostra que há diversos lugares que fazem uso dos dois modelos metodológicos. O que chama atenção é que as duas instituições, entre as três que mais adotam ambas as metodologias, são as mesmas. Na Cartografia, a universidade que aparece em primeiro lugar, com 17% do total de pesquisas, é a Unisinos, que detém 29 das teses e ou dissertações; seguida da PUC-SP (27) e Uerj (11). Essas três juntas orientam 39% de todos os trabalhos com essa metodologia no tempo de estudo deste artigo. Já, com relação a Mapeamento, a PUC-SP fica na primeira posição com 19 orientações; seguida da USP, com 16 e Unisinos, com 6. De um modo geral Unisinos e PUC-SP são as instituições que mais orientam, tanto uma quanto a outra metodologia. Ou seja, ao que parece, para poucas universidades, ela é uma frequente, mas de um modo geral é experimentada esporadicamente, em muitos programas, o que demonstra não haver de fato uma resistência aos métodos.

Sobre o nível da Pesquisa, outro ponto em comum: tratam-se de métodos equilibradamente adotados no Mestrado e no Doutorado, embora seja possível ver que são mais usuais no primeiro nível de qualificação. Em Cartografia, 62% das pesquisas que usaram o método foram de Mestrado e 38% de Doutorado; já, em Mapeamento, 59% usaram no Mestrado e 41% no Doutorado.

4.5. Tipo da pesquisa, objeto e foco

Uma vez traçado o panorama de utilização, a pesquisa buscou entender algumas predileções que acompanham a escolha dessa metodologia pelos pesquisadores. Para isso foi levantado o tipo de pesquisa (empírica ou teórica), o objeto (recorte da pesquisa) e o foco da análise, ou seja, que aspecto do objeto analisado está diretamente ligado à pergunta de pesquisa e guia a análise. Basicamente as duas metodologias priorizam os estudos empíricos (100% dos levantamentos de Mapeamento e Cartografia).



Fonte: Elaborado pelas autoras

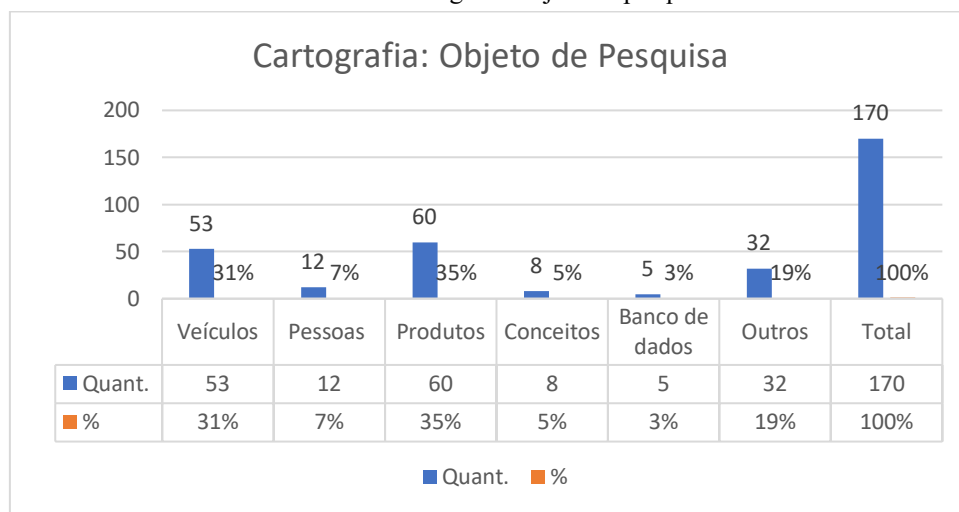
Corroborar a predileção por pesquisas de Mestrado, mas enfatizar ainda mais o enfoque empírico desse tipo de estudo. Além disso, vale destacar que mesmo tendo um campo empírico, somente 1% dos estudos voltou-se ao mapeamento de conceitos; já na cartografia esse percentual foi de 5% (8 trabalhos), ou seja, as questões teóricas ou epistemológicas, ainda que em forma de levantamento, não estão no escopo principal desse tipo de estudo.

Inclusive, o objeto estudado demonstra bastante disso. Do montante de trabalhos cartográficos, apenas cinco usaram bancos de dados, no caso desses estudos, conjunto de livros; já no caso de Mapeamento, foram 15 pesquisas que levantaram frequências e particularidades em bancos de teses de dissertações da Capes, Periódicos e Anais de Eventos.

Aqui já aponta uma inclinação conceitual já bem consolidada, o Estado da Arte é de fato entendido e adotado exclusivamente como mapeamento, não como cartografia.

Inclusive, dos 15 trabalhos que usam os bancos de dados em Mapeamento, 8 adotam a terminologia Estado da Arte e 2 Bibliometria.

Gráfico 5: Cartografia objeto de pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras

Além disso, no que tange aos objetos, na Cartografia 66% dos estudos voltam-se para veículos (espaços comerciais de mídia, incluindo blogs, jornais, assessorias) e produtos, no caso desses não prioritariamente jornalísticos, como visto na categoria anterior, mas com variedades que incluem animes, games, poesia, obras de arte, fotografias, embora, prioritariamente seja uma pesquisa do audiovisual Cartografia – 24 filmes, fotografia 6 e música 5.

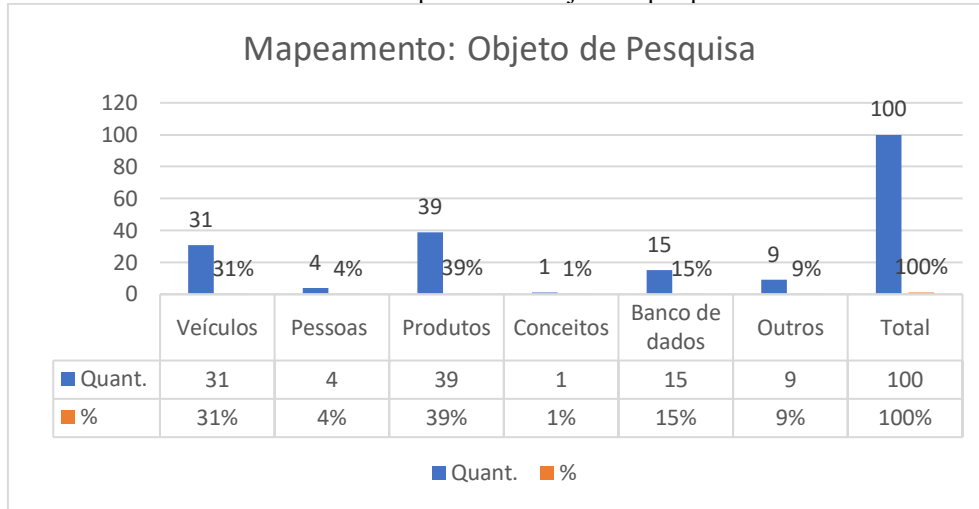
No Mapeamento, veículos e produtos também foram os mais frequentes (70% juntos). No que diz respeito aos veículos, segue a tendência em olhar para os espaços jornalísticos, já com relação aos produtos há uma prioridade para os produtos audiovisuais, com 15 pesquisas que elegeram filmes/séries/documentários, seguida de outras produções como livros de literatura e músicas.

Necessário explicar a categoria “outros” que em cartografia apresenta situações pouco materiais, como cartografar relações sociais, situações de assédio, bem como emoções, e experimentações do sensível como sons dos ambientes. Em Mapeamento a categoria “outros” não traz sentimentos ou situações, mas substancialmente lugares (escolas) e projetos.

Para além do objeto que mostrou uma aproximação forte com o jornalismo e com o audiovisual para ambos e uma particularidade da cartografia com questões subjetivas e do âmbito dos sentimentos, o foco da pesquisa também é um norte que ajuda a entender

seus usos. As categorias não foram pensadas preliminarmente, mas levantadas a partir da leitura dos trabalhos.

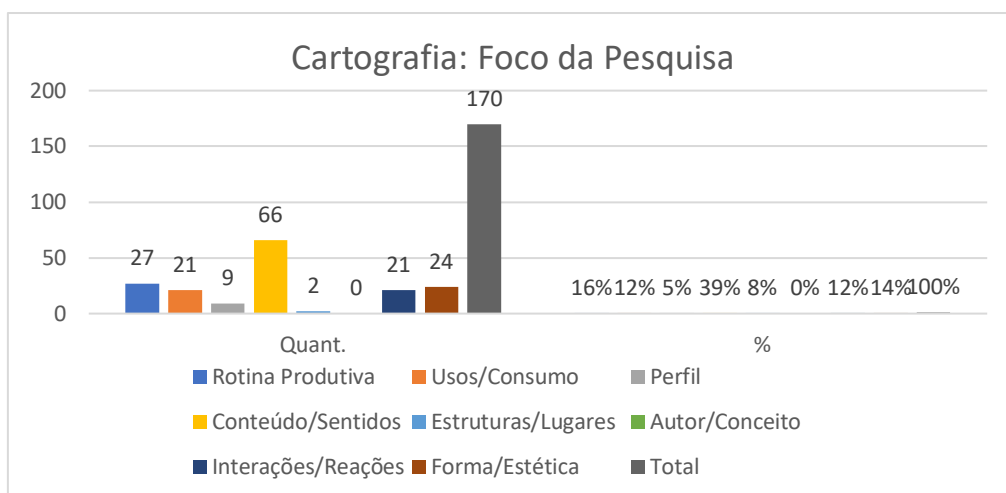
Gráfico 6: Mapeamento: objeto de pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras

Foco é como entender o que o pesquisador olhou mais pontualmente entre as possibilidades do objeto. Conteúdo/sentidos, que olha para os significados da mensagem, congregou a grande maioria dos trabalhos em Cartografia (66 dos 170), mas chama atenção que outros aspectos mantiveram uma média quase igualitária entre Rotina Produtiva, que olhou para os processos produtivos; Usos e Consumo, voltados para apropriações e circulação; Interações/Relações, modos de relacionamentos, e Formas/estética, aspectos mais formais do objeto.

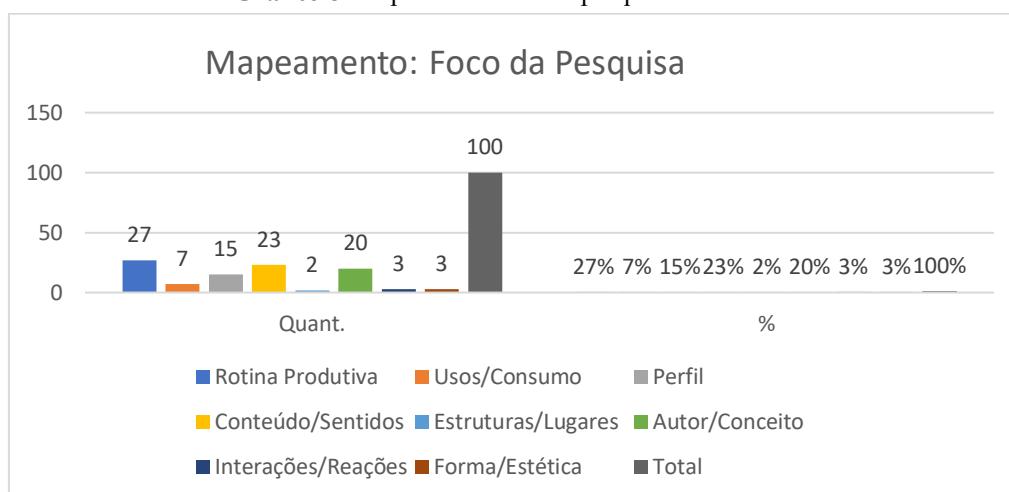
Gráfico 7: Foco da pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras

Em mapeamento não houve uma supremacia, como os sentidos. Os quatro que sobressaíram foram Rotina Produtiva, Conteúdo/Sentidos, Autores/conceitos e Perfil. Talvez seja efetivamente no foco o diferencial de uso desses dois métodos, ainda que seus objetos possam ser mais próximos. Chama atenção o Perfil que quase não é usual nas cartografias, assim como a questão de Forma e Estética, assim como a Estrutura de Lugares quase não atender às expectativas dos pesquisadores. É certo que Rotina Produtiva e Conteúdo e Sentidos aproximam os dois e estão em consonância com o objeto. Assim como Autores e Conceitos estar para o Estado da Arte.

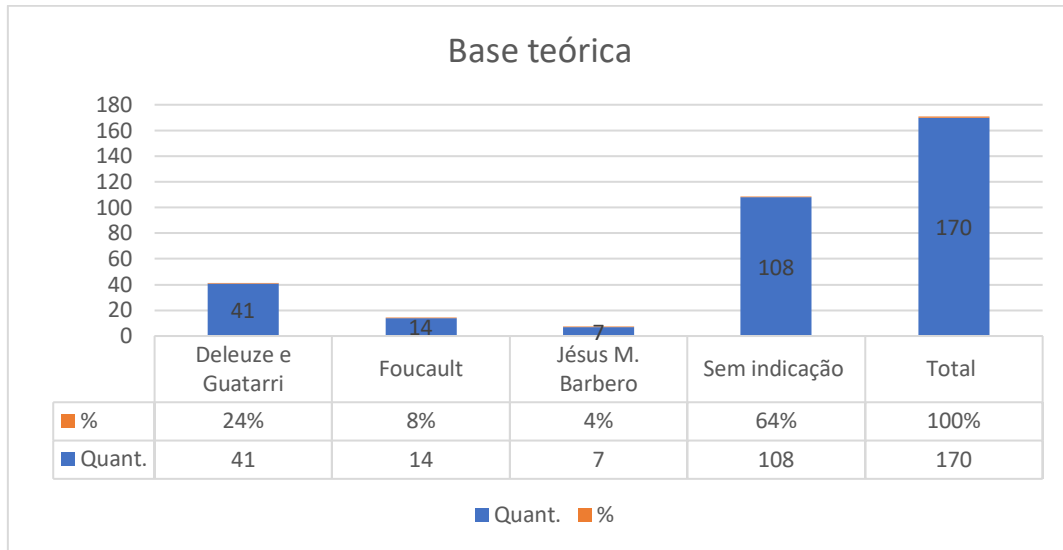
Gráfico 8: Mapeamento: foco a pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras

Por fim, vale destacar que o estudo permitiu um outro achado importante e que foi visto como cabal para diferenciar prontamente as duas metodologias de pesquisa: a base teórica adotada nos trabalhos.

Gráfico 9: Base teórica



Fonte: Elaborado pelas autoras

Nos estudos cartográficos, tanto no resumo como nas palavras-chave, aparece com frequência os autores que conceituam o método, embora a maioria ainda deixe para explicitar isso somente no corpo do trabalho. Do total, 36% usam no resumo e palavras-chave, que ratifica a importância do viés teórico-metodológico do ferramental. Desses, Deleuze e Foucault somam 28%, outros 4% destacam o método cartográfico de Jesús Martín Barbero. Nesses trabalhos, em geral, há essa indicação metodológica e analítica.

Já nos trabalhos de mapeamento, o referencial teórico não aparece de forma explícita. Há apenas as complementações analíticas, mas sem enfatizar um autor. Algumas indicações de procedimentos metodológicos localizados nas pesquisas de mapeamento foram: de Análise de Conteúdo (9), Análise Crítica (5) e Semiótica (7). Outros menos recorrentes são etnografia e entrevistas. Isso mostra que o mapeamento não possui uma base teórica própria, enquanto que a cartografia conta com um arcabouço já tradicional e consolidado no âmbito das Ciências Sociais e da Comunicação.

Conclusão

Após a conclusão do material, pondera-se que ainda que a quantidade da terminologia cartografia, presente nas amostras encontradas, seja mais popular entre as pesquisas, o uso do mapeamento é mais constante e usual. No entanto, a análise mais aprofundada nos permite afirmar que os trabalhos que utilizaram a terminologia mapeamento seguiram uma linha mais descritiva, numérica, enquanto os que prezaram pela cartografia buscaram por algo mais subjetivo, qualitativo. Isso pode estar relacionado ao próprio referencial teórico dos estudos cartográficos, que por ser oriundo,

majoritariamente, do campo da filosofia assume uma natureza subjetiva nas investigações. Como nas pesquisas de mapeamento, não há ainda uma base teórica constituída, os trabalhos acabam seguindo um viés mais quantitativo. Sobre esse dado, ressalta-se a ampliação do uso do mapeamento a partir do ano de 2011, chegando a alcançar sete anos depois, 69% de todas as publicações do referido período.

Enfatizamos que a terminologia mapeamento é utilizada com frequência pelos pesquisadores como substituto semântico e muitas vezes o mesmo é usado como sinônimo de cartografia. Porém, isso não ocorre com quem se propõe a fazer mapeamento.

A frequência em que os termos são encontrados, tanto em divulgação de materiais daqueles que estão em cursos de mestrado quanto de doutorado é vista de forma equilibrada. Em Cartografia, 62% das pesquisas que usaram o método foram de Mestrado e 38% de Doutorado; já em Mapeamento, 59% usaram no Mestrado e 41% no Doutorado. Observa-se, também, que as questões teóricas ou epistemológicas, ainda que em forma de levantamento, não estão no escopo principal desse tipo de estudo.

Referências

ABRAJI. Gênero e Número. **Mulheres no jornalismo Brasileiro**. Relatório (2017). Disponível em: <http://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901GNrelatorioV4.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ACSELRAD, H. **Cartografias Sociais e Território (org)**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2008, p. 143-147.

AGUIAR, L. M. **As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010. **Anais [...]**. Caxias do Sul/RS, 2010a, p.1-15.

AGUIAR, S. Geografias da Comunicação como campo de estudos: um balanço inicial dos primeiros dez anos no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019. **Anais [...]**. Belém/PA, 2019b, p. 1-15.

AGUIAR, S; LARANJEIRA, A. Cartografias digitais colaborativas: questões para as geografias da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017. **Anais [...]**. Curitiba/PR, 2017, p.1-15.

AZEVEDO, D. **Revisão de Literatura, Referencial Teórico, Fundamentação Teórica e Framework Conceitual em Pesquisa – diferenças e propósitos**. Working paper. p.427-443. Disponível em: <https://unisinus.academia.edu/DeborazAzevedo/Papers>. Acesso em: 10 fev. 2023, 2016.



BERGAMO, A; MICK, J; LIMA, S. (Coord.). **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho: síntese dos principais resultados.** Florianópolis: UFSC/FENAJ, 2012.

BIEMBENGUT, M. S. . **Mapeamento na pesquisa educacional.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

BUENO T; ALVES M. **Triangulação metodológica: conceitos e perspectivas de aplicação.** Revista Íterim, 2020, p. 188-204. INTERIN.

COMUNIQUE-SE. **Mais de 15 mil mulheres estão ativas na imprensa brasileira.** Número representa 37% do mercado do jornalismo no país (2019). Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/mulheres-jornalistas-minoria/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

DELEUZE, G. e PARNET, C. **Diálogos.** São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FILHO, K. P; TETI, M. M. **A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais.** Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, 2013.

FONSECA, T. M. G. & KIRST, P.G. **Cartografia e devires: a construção do presente.** Porto alegre: UFRGS, 2003.

BERGAMO, A; MICK, J; LIMA, S. **“Perfil profissional do jornalismo brasileiro”, 2012.** Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/pesquisa-perfil-jornalista-brasileiro.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2019

KITCHENHAM, B; CHARTERS, S. **Guidelines for performing Systematic Literature Reviews in Software Engineering.** Technical Report EBSE 2007-001, Keele University and Durham University Joint Report, 2007.

KITCHENHAM, B. **Procedures for performing systematic reviews (Technical Report).** Australia: Keele University , 2004. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~aldo.vw/kitchenham.pdf>. Acesso em: 24 set. 2023

LÉVY, J. Uma virada cartográfica? In: ACSELRAD, H. **Cartografias Sociais e Território.** Rio de Janeiro: UFRJ, IPPUR, 2008, p. 153-167.

MACHADO, E.; PALACIOS, M. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: Lago, C.; BENETTI, M. (Org.). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007, p. 199-222.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.** 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MASSEY, D. **Pelo Espaço** – Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATTOS, Ângela Maria; SALGADO, Tiago Barcelos Pereira (Org). **Cartografias do Comunicacional e Subjetividades**. 1ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCom/UFMG, 2022.

MOHER, D; STEWART, L; SHEKELLE, P. All in the family: systematic reviews, rapid reviews, scoping reviews, realist reviews, and more. **Systematic Reviews**, vol. 4, no. 168, 2015.

MOREIRA, S. V. Da invisibilidade à visibilidade da Geografia na Comunicação: travessias de territórios em uma década. In: MOREIRA, Sonia Virgínia et al. (Org.). **10 anos: o percurso do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação no Brasil**. São Paulo: Intercom, 2019, p. 11-23.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisas em intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

REIS, T. A. R. **A cidade de notícias: um estudo do jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão**. 2022. 259f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

ROCHA, M. L. P. C. **Matemática e Cartografia: Como a Cartografia pode Contribuir no Processo de Ensino-Aprendizagem da Matemática?** 128 f. Dissertação (Mestrado) - Núcleo de Apoio ao Desenvolvimento Científico, Universidade Federal do Pará, Belém. 2004.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROSÁRIO, Nísia Martins do *et al.* Um panorama da cartografia no Brasil uma investigação a partir das teses e dissertações da Comunicação entre 2010 e 2017. **Revista Intercom**, v. 44, p. 69-88, 2021.

ROSÁRIO, Nísia Martins do *et al.*; COCA, Adriana Pierre. A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. **Revista Comunicação & Inovação**, v. 19, p. 34-48, 2018.

URIARTE, M. Z; NEITZEL, A. de A. A pesquisa de intervenção cartográfica em Arte Educação. **Revista Educação Unisinos**. p. 389-399, 2017.

WOTTRICH, Laura; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Experiências metodológicas na comunicação**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. v. 1. 402p.

¹ Professora adjunta no Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em Imperatriz desde 2010. Docente permanente do Mestrado em Comunicação na mesma instituição. Pesquisadora formada em Jornalismo pela UFMS, possui doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015) e Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Comunicação & Inovação | v. XX | e2023XXXX | jan.-dec. | 2023 | ISSN 2178-0145. <https://doi.org/10.13037/ci.vol24.e2023XXXX>



Mato Grosso do Sul (2007). Coordena o Grupo de Pesquisa em Comunicação em Cibercultura (GCiber) e integra o Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo, numa parceria entre a UFMA e a UFMS.

ii Doutora em Comunicação (Jornalismo e Sociedade) pela Universidade de Brasília, UnB. É professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Possui graduação em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1999), especialização em Imagem e Som (2002 UFMS), Mestrado em Produção e Gestão Agroindustrial (2005, Uniderp) e Especialização em Gestão de Negócios de IES (Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro). É professora adjunta no programa de pós-graduação em Comunicação, na UFMA de Imperatriz.

iii Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutora em Comunicação (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), mestre em Jornalismo (Universidade Estadual de Ponta Grossa), graduada em Comunicação Social-Jornalismo (Universidade Federal do Maranhão) e em História (Universidade Estadual do Maranhão).

